

Complexidade da banda de música no processo educativo: uma reflexão em bandas escolares

Comunicação

Rogério Francisco Leite
Secretaria de Estado da Educação de Goiás – SEDUC -GO
rogeriofrancisco_1@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo geral refletir sobre o lugar formativo da banda escolar a partir da teoria da complexidade de Edgar Morin. Como abordagem metodológica foi realizada uma pesquisa qualitativa, na perspectiva epistemológica multidimensional que se utiliza de várias abordagens metodológicas ligadas a distintos objetivos específicos: a) pesquisar temas relacionados com o ensino de música na escola, projetos e métodos de ensino para bandas escolares e didática das bandas; b) analisar projetos e portfólios de bandas de música do contexto das escolas de educação básica do município de Aparecida de Goiânia, e c) refletir sobre o lugar formativo da banda escolar a partir da teoria da complexidade de Edgar Morin. Como fundamentação teórica e teorias afins, foi apresentada teoria da complexidade a partir de algumas obras de Edgar Morin (2000, 2003, 2007), tendo por auxílio outros autores do campo educacional como Barbosa (1996, 1998), Penna (2008), Fonterrada (2008) e Swanwick (2003). Considerando as reflexões desenvolvidas, espera-se que esta pesquisa contribua de forma inovadora e relevante para toda comunidade escolar e sociedade contemporânea como forma de equilíbrio e meio de conexão entre os conhecimentos pertinentes existentes no ambiente da banda de música e comunidade escolar, contribuindo para uma formação multidimensional e integral dos estudantes

Palavras-chave: Educação musical. Banda de música escolar. Pensamento complexo.

Introdução

Repensar os modelos de educação vigentes para o processo de ensino em escolas públicas do Brasil vem se tornando um dos principais desafios na contemporaneidade. Apresentar aos estudantes e comunidade escolar novas formas de ensino, novos espaços de aprendizagem, bem como realçar questões que transitam nos âmbitos culturais permite repensar as transformações que permeiam a sociedade atual.

No âmbito da educação musical e especificamente no ensino de instrumentos musicais de sopro e percussão - modalidades representadas pelas bandas de música, grupos instrumentais, fanfarras, orquestras e outros, a questão se torna ainda mais desafiadora, pois

essas têm suas atividades presentes nas escolas públicas de diversas cidades de nosso país. Muitos são os problemas que perpassam os processos em ensino e aprendizagem da música em relação aos contextos das escolas públicas.

São questões estruturais como: infraestrutura predial inadequadas para aulas e ensaios; instrumentos musicais danificados ou de baixa qualidade; questões pedagógicas ligadas à falta de profissionais qualificados; falta de material didático e de métodos de ensino que contemplem a realidade atual e, sobretudo, falta de incentivo para a formação continuada de novos músicos e docentes em música; e ainda a falta de valorização do percurso formativo e profissional na área musical, bem como questões de concepções sociais, culturais e filosóficas, que se fazem presentes no contexto escolar que realçam mudanças e transformações no campo educacional nem sempre atendidas.

Neste sentido, mediante as múltiplas vias que se abrem a partir dos avanços tecnológicos, diversidades, multiculturalidades e processos de compreensão Intertransdisciplinares no âmbito escolar, para o ensino de música em escola pública, questionamos como pensar a educação musical por meio da banda de música em contexto escolar, inspirada por propostas que considerem a contemporaneidade? Quais os métodos e propostas pedagógicas relatadas em publicações nacionais, sobre a formação de bandas escolares diante dos desafios estruturais, pedagógicos e culturais, para uma prática formadora e de qualidade com e para a música. Por fim, como pensar propostas de formação em banda de música, voltada para contexto das escolas de educação básica, de forma que os processos educativos façam sentido com o universo cultural dos participantes, bem como de toda a comunidade escolar promovendo um ensino educativo em bandas escolares, ampliando possibilidades em educação musical aos alunos?

Tais questionamento nos propõem refletir sobre qual seria a educação musical ofertada em escolas públicas por meio de modalidades como bandas escolares, apresentando caminhos para uma reforma do pensamento e do ensino, capacitando os estudantes a reconhecerem, compreender e responderem as complexidades e interconexões do mundo contemporâneo.

Visando responder as questões apresentadas, este trabalho tem como objetivo geral: refletir sobre o lugar formativo da banda escolar a partir da teoria da complexidade de Edgar Morin, e apresenta como objetivos específicos: identificar formas contemporâneas para o ensino da música no contexto escolar, refletindo sobre o valor da música como processo

formativo na sociedade atual; revisar métodos e propostas pedagógicas relatadas em publicações nacionais sobre o processo de ensino em bandas escolares; analisar projetos e portfólios de bandas de música do contexto das escolas de educação básica do município de Aparecida de Goiânia.

Esta investigação adota uma abordagem de pesquisa qualitativa, em uma perspectiva epistemológica multidimensional que se utiliza de várias abordagens metodológicas: pesquisa de revisão bibliográfica, com análise e reflexão do ensino educativo em bandas escolares, métodos de ensino para bandas escolares; analisar portfólios de bandas de música do contexto das escolas de educação básica do município de Aparecida de Goiânia – enquanto um estudo documental complementar.

Contribuições da teoria da complexidade

O pensamento complexo de Edgar Morin (2000) é uma abordagem filosófica e epistemológica que enfatiza a compreensão da complexidade inerente a todos os sistemas e fenômenos da realidade. Morin (2000, p. 38) fundamenta que:

Complexus significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade. Os desenvolvimentos próprios a nossa era planetária nos confrontam cada vez mais e de maneira cada vez mais inelutável com os desafios da complexidade.

A principal ideia por trás do pensamento complexo é que o mundo real não pode ser reduzido a sistemas simples ou lineares, e, portanto, requer uma abordagem que leve em consideração a multiplicidade de fatores, interconexão e incertezas que compõem a realidade. O conceito de racionalidade em considerar que o homem é um ser racional, a partir da racionalidade se tornou uma visão de mundo que rege o pensamento humano e sua forma de ser e estar no mundo e com ele interage. Neste sentido, Descartes assevera que é preciso dividir para conhecer e Morin (2003) vai na contramão do pensamento cartesiano. Durante um extenso período, a validação do conhecimento científico foi sustentada pelo método empírico-racional, no qual a observação, a experiência e a razão constituíam os elementos

primordiais subjacentes à prática científica. Fundamentados nos princípios fundamentais do conhecimento – ordem, separabilidade e razão – os pesquisadores se dedicavam à exploração de todos os fenômenos, visando compreender o mundo de maneira abrangente. Para Morin (2003, p. 13):

Há inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre os saberes separados, fragmentados, compartimentados entre disciplinas, e, por outro lado, realidades ou problemas, cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários.

Conforme o autor, a disparidade crescente entre a maneira como o conhecimento é tradicionalmente organizado em disciplinas separadas no currículo escolar e a complexidade dos problemas que transcendem realidades se tornando cada vez mais multidimensional e global exigem uma abordagem mais integrada, que reconheça a interconexão entre diferentes áreas de conhecimento. Explica Morin (2003) que a especialização que se fecha em si mesma sem permitir sua integração em uma problemática global ou em uma concepção de conjunto do objeto do qual ela considera apenas um aspecto ou uma parte, forma uma hiperespecialização ou seja “impede de ver o global (que ela fragmenta em parcelas), bem como o essencial (que ela dilui) os problemas essenciais nunca são parceláveis, e os problemas globais são cada vez mais essenciais”. (Morin, 2003, p. 13). Neste sentido, Santos (2003) afirma que na atualidade já se possui indício suficiente para outra interpretação do homem, a pergunta colocada pelos gregos (o que é o homem?) continua aberta para uma reflexão frente a atualidade. A autora propõe que o homem é um ser uno e múltiplo e em permanente crise. Santos (2003, p. 6) coloca assim:

Ser uno e múltiplo é um paradoxo. O homem é um paradoxo. Priorizar a racionalidade e omitir outras dimensões do homem foi uma opção da ciência moderna cartesiana, de simplificar quando o problema é complexo. Simplificar, reduzir, hierarquizar, e assim se construiu a noção do homem racional e, a partir desse constructo, definiu -se a Didática ou a Didática Tradicional. (Santos, 2003 p. 6)

Morin (2003) propõe a teoria da complexidade como uma resposta à necessidade de uma abordagem mais holística e integradora para compreender fenômenos complexos. O autor sugere uma abordagem transdisciplinar, que reconheça a natureza intrinsecamente mais integrada dos sistemas, essencial para uma compreensão mais completa da realidade. Comenta o autor que:

os desenvolvimentos disciplinares das ciências não só trouxeram as vantagens da divisão do trabalho, mas também os inconvenientes da superespecialização, do confinamento e do despedaçamento do saber. Não só produziram o conhecimento e a elucidação, mas também a ignorância e a cegueira. (Morin, 2003 p. 15)

Propõe ainda que o sistema de ensino na atualidade obedece a esta lógica em vez de contrapor e corrigir. Pontua Morin (2003, p. 15) que:

Na escola primária nos ensinam a isolar os objetos (de seu meio ambiente), a separar as disciplinas (em vez de reconhecer suas correlações), a dissociar os problemas, em vez de reunir e integrar. Obrigam-nos a reduzir o complexo ao simples, isto é, a separar o que está ligado; a decompor, e não a recompor; e a eliminar tudo que causa desordens ou contradições em nosso entendimento.

Neste sentido a reforma do ensino, deve conduzir à reforma do pensamento e vice-versa, contrapondo-se aos princípios cartesianos de fragmentação e compartimentação dos saberes, a complexidade propõe uma religação destes, propiciando, assim, uma nova maneira de olhar e interagir com o mundo.

Em seu livro: “A Cabeça bem-feita: Pensar a reforma, reformar o pensamento”, Morin (2003) aborda a temática da educação e do ensino, a um só tempo. Conforme o autor, esses dois termos, se confundem e distanciam-se igualmente. Para Morin (2003, p. 10):

“Educação” é uma palavra forte: “Utilização de meios que permitem assegurar a formação e o desenvolvimento de um ser humano; esses próprios meios”. E o “ensino”, arte ou ação de transmitir os conhecimentos a um aluno, de modo que ele os compreenda e assimile, tem um sentido mais restrito, porque apenas cognitivo.

Os dois termos na visão do autor podem ser trabalhados na perspectiva do ensino educativo: “a missão desse ensino é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre” (Morin, 2003 p. 10).

Neste sentido o autor afirma que a “reforma do ensino deve levar a reforma do pensamento, e a reforma do pensamento deve levar a reforma do ensino” (Morin, 2003 p. 20). A relação bidirecional entre a reforma do ensino e a reforma do pensamento destaca a interdependência entre ambos os processos.

Pensar na complexidade para o ensino musical e educação musical é refletir para uma mudança onde seja possível promover não somente o ensino de música na escola, mas também

promover uma transformação fundamental na maneira como os alunos pensam, analisam e compreendem o mundo ao seu redor. Por meio de aspectos da transdisciplinaridade busca-se prover um olhar para múltiplas realidades do contexto, a escola, professores e alunos.

Sobre a finalidade de ensinar, Morin (2003 p. 21) explica que “mais vale uma cabeça bem-feita que bem cheia”. Para o autor o significado de “uma cabeça bem cheia” é uma cabeça onde o saber é acumulado, empilhado, e não dispõe de um princípio de seleção e organização que lhe dê sentido. “Uma cabeça bem-feita” significa que, em vez de acumular o saber, é mais importante dispor ao mesmo tempo de: aptidão geral para colocar e tratar os problemas; princípios organizadores que permitam ligar os saberes e lhes dar sentido.

Neste sentido uma “cabeça bem-feita é uma cabeça apta a organizar os conhecimentos e, com isso, evitar sua acumulação estéril” (Morin, 2003, p. 24). Para o autor, todo conhecimento constitui, ao mesmo tempo, uma tradução e uma reconstrução, a partir de sinais, signos, símbolos, sob a forma de representações, ideias, teorias, discursos. A organização dos conhecimentos é realizada em função de princípios e regras comportando operações de ligação (conjunção, inclusão, implicação) e de separação (diferenciação, oposição, seleção, exclusão).

O processo é circular, passando da separação à ligação, da ligação à separação, e, além disso, da análise à síntese, da síntese à análise. Ou seja: o conhecimento comporta, ao mesmo tempo, separação e ligação, análise e síntese.

Contrário a isso, o ensino atual privilegia a separação em detrimento da ligação, e a análise em detrimento da síntese, nosso modo de conhecimento desune os objetos entre si, isola os objetos de seu contexto natural e do conjunto do qual fazem parte. Contrário a isso a concepção de Morin (2003) propõem os princípios organizadores do conhecimento. Neste trabalho serão apresentados como categorias de análise os princípios sistêmico, dialógico e hologramático.

Princípios da teoria da complexidade – sistêmico, dialógico e hologramático

O pensamento sistêmico visa estabelecer conexões entre as partes, reduzindo a distância entre elas e permitindo uma compreensão conjunta (sistêmica), sem negligenciar nenhum de seus componentes. O sistema é concebido como um ente não totalitário e não hierárquico, aberto a múltiplas tonalidades (Morin, 2005). A referência ao "Sistema Morin"

aborda um conceito tridimensional: Sistema, que representa a unidade complexa e fenomenal do todo, bem como o conjunto das relações entre o todo e suas partes; Interação, que engloba as relações, ações e retroações que ocorrem em um sistema; e Organização, que descreve o caráter constitutivo dessas interações, incluindo sua formação, manutenção, proteção, regulação, governança e regeneração, constituindo a espinha dorsal do conceito de sistema (Morin, 2007).

O Sistema, portanto, é uma ambiguidade instável na qual todo e parte estão constantemente associados e dissociados, em função das imprevisibilidades, instabilidades e interdependências que o compõem. O pensamento sistêmico considera a complexidade das relações entre diversos fenômenos, reconhecendo incertezas e antagonismos. Em contraste com o paradigma reducionista do conhecimento, que privilegiava a ordem como princípio explicativo, o pensamento sistêmico é fundamentado nas inter-relações entre as noções de sistema, interação e organização.

Quanto ao Princípio Dialógico, podemos iniciar compreendendo que um dos fundamentos do pensamento cartesiano é a dicotomia, operada pela lógica binária clássica, ou seja, verdadeiro ou falso, razão ou emoção, entre outros (Morin, 2003). Essa lógica clássica resultou na segmentação do conhecimento, dificultando o diálogo entre disciplinas e promovendo uma estrutura disciplinar rígida, com fronteiras fixas e uma visão cada vez mais fragmentada do conhecimento. Assim, sob essa lógica, o raciocínio é não contraditório, enfatizando a objetividade e a não contradição, enquanto exclui a interação entre opostos.

Em contraposição a essa lógica, Morin (2003) elabora a ideia de complexus. Complexus é o que está junto: é o tecido formado por diferentes fios que se transformaram numa só coisa. Isto é, tudo se entrecruza, tudo se entrelaça para formar a unidade da complexidade. Porém, “a unidade do complexus não destrói a variedade e a diversidade das complexidades que a teceram” (Morin, 2007, p. 188). Para a complexidade, o pensamento é sempre multidimensional e integrador, abarcando os mais diversos saberes.

De acordo com o referido autor, o princípio dialógico, portanto, “permite-nos manter a dualidade no seio da unidade. Associa dois termos, complementares e antagônicos” e “dialógico quer dizer duas lógicas, dois princípios que estão unidos sem que a dualidade se perca nessa unidade” (Morin, 2007, p. 189). O princípio dialógico propõe a quebra das esferas fechadas do conhecimento, estabelecendo articulações entre o que foi separado com o intuito de compreender melhor o mundo.

Já o Princípio Hologramático está intimamente ligado ao anterior, pois, de acordo com Morin (2007, p. 181), “não só a parte está no todo, mas também que o todo está nas partes”. Contrapondo o foco cartesiano de parte-todo e a totalidade fragmentada, segundo o qual os conhecimentos são justapostos na cabeça dos alunos, o Princípio Hologramático busca uma interligação dinâmica dos conhecimentos, através da articulação dos pares binários: simples complexo, parte-todo, razão-emoção.

Nesse sentido, a contextualização é necessária para explicar e conferir sentido aos fenômenos isolados, uma vez que “contextualizar e globalizar são procedimentos absolutamente normais do espírito, isso quer dizer que não podemos compreender alguma coisa de autônomo, se não compreendermos aquilo de que ele é dependente.” (Nascimento, PenaVeja, 1999, p. 25).

Em outras palavras, a compreensão das partes somente é possível a partir das suas interrelações com a dinâmica do todo devido à multiplicidade de elementos que interagem simultaneamente. Na medida da sua integração revelam a existência de diversos níveis de realidade, o que possibilita novas visões sobre uma mesma realidade, já que “no nível do todo organizado há emergências e qualidades que não existem no nível das partes isoladas” (Nascimento, Pena-Veja, 1999, p. 28).

Assim, o Princípio Hologramático propõe uma explicação dos fenômenos de uma maneira não linear, não dicotômica, propondo movimento circular, no qual ora se vai das partes ao todo, ora do todo às partes.

Relações entre os princípios sistêmicos da teoria da complexidade e o ensino de música

Ao pensar sobre o percurso histórico da presença da música na escola, como disciplina ou como parte de componente curricular, sua presença no ambiente escolar passa por diferentes situações. Atualmente, está situada como uma das linguagens do componente curricular Arte, juntamente com a Dança, o Teatro e as Artes Visuais (Brasil, 2016), dentro da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018).

A importância do ensino de Música na escola se deve ao fato da promoção de atividades musicais como o ensino em instrumento musical e vocal, incluindo também sua colaboração para trabalhar diferentes fatores humanos, como por exemplo, habilidades motoras, afetividade, atenção, motivação, autoconfiança, autoestima, memória e, no âmbito social,

resiliência, disciplina, tolerância e respeito às diferenças, pertencimento e identidade, entre outras relações humanas mediadas pela Música.

Mediante a diversidade de fatores que envolve o fazer musical é possível perceber a complexidade que perpassa o processo de ensino e aprendizagem em música. Assim, quando se propõem atividades de ensino musical em ambientes escolar se propõem a transgredir muitas das percepções e dimensões que transcendem as relações humanas. Para o ensino musical a abertura do conhecimento passa a interagir com outros conhecimentos inerentes à formação humana, aspectos subjetivos, pensamentos e emoções, despertando no aluno o contato com o mundo dos sons, da interatividade social, bem como contextos para perceber novas realidades, processo de inter e transdisciplinaridades para o ensino e aprendizagem.

Por meio da compreensão destes princípios na construção de um ensino educativo, a reforma do pensamento conduz à reforma do ensino que abre uma comunicação por meio da experiência, de conexão, interação e aberturas para novas realidades, buscando a percepção para a ligação do fenômeno com o contexto. Outros campos de conhecimentos que passam a se relacionar, promovendo um percurso aberto entre os alunos, professores, possibilitando discussões colaborativas para percepção do novo bem como realidades inter e transdisciplinar contextualizando multidimensionalidades. Por toda a base teórica e epistemológica apresentada, acreditamos que essas abordagens colaborativas e interdisciplinares enriquecem a educação musical na escola pública.

Relações entre os princípios sistêmicos da teoria da complexidade e a banda de música na escola

As bandas de música têm presença marcante na sociedade brasileira, participando de diversas atividades coletivas e interagindo com diversos domínios das atividades humanas, tais como o cultural, artístico, político, religioso, de entretenimento, lazer e de ensino de música. Como objeto de estudo, esses grupos são examinados sob diferentes aspectos, perspectivas e abordagens. Reconhecendo a complexidade inerente a esse contexto das bandas, os princípios sistêmicos da teoria da complexidade oferecem insights para a construção de novos paradigmas no ensino educacional das bandas escolares.

São várias as questões que abrangem o universo da educação musical por meio das bandas de músicas passando pelo ensino, estrutura física e presença na sociedade, escolas e sobretudo na vida das pessoas. Como já ponderado a questão vai muito além de se ensinar a

tocar um instrumento musical na escola, abarca outros desafios em variadas dimensões com abrangências cultural, pedagógica, social, envolvendo multidimensões e multirealidades. Estas transformações exigem alterações na concepção humana de se compreender a realidade, os fenômenos complexos, globais e planetários.

Devido às transformações no âmbito científico e culturais, suas intercorrências no campo educacional vão impactar concepções sobre como lidar com o conhecimento, o ensino e as novas maneiras para lidar com o saber, características como: relativização do conhecimento, foco nos objetivos da aprendizagem, busca pela superação de qualquer tipo de dominação cultural no contexto educativo, busca pela reintegração dos saberes e relativização da natureza humana e de valores em seus contextos, são elementos que vão sustentar o surgimento de pedagogias contemporâneas propondo críticas às consequências da grande acumulação de conhecimento científico, com disciplinas isoladas pela fragmentação do conhecimento e, ainda, a perda da significação do saber pela dissociação entre ciência, cultura, economia, política e subjetividade (Pereira, 2020, p. 4)

Neste sentido, o pensamento complexo, por meio de seus princípios se coloca como lente para enxergar e propor novas formas para perceber as complexidades presentes em toda dinâmica das bandas escolares, desde seus fundamentos e objetivos até a novas formas de pensar a didática musical.

No âmbito geral o pensamento sistêmico busca interligar as partes diminuindo as distancias entre elas, o que possibilita um pensamento em conjunto, sem perder de vista todos os seus componentes, assim, o conhecimento em música, ou em instrumento musical, e sua relação com a vida dos participantes passam a ser mais bem compreendidos. Ao pensar no universo da educação musical acontecendo nas escolas, é possível separar partes de um mesmo sistema, decompor estas estruturas para compreender os possíveis fenômenos complexos.

No ensino de instrumentos musicais, tendo a escola como espaço para a realização das aulas, com o estudante residente em uma cidade, bairro e comunidade, e que frequenta a escola, que tem o professor de música, que na maioria das vezes foi aluno e se qualificou para se tornar docente, podem a partir de novas possibilidades educativas buscarem o ressignificar de suas práticas e experiências. Tendo em consciência outros fatores que extrapolam dimensões isoladas, como as políticas que vem regulamentando leis, economia e aspectos culturais, bem como outras esferas multidimensionais como o global e planetário.

Neste sentido, o pensamento dialógico contribui para impedir a fragmentação, a compartimentação dos saberes e a redução, as quais dificultam diálogo entre áreas do conhecimento pela impossibilidade de enxergar o todo, somente as partes. O princípio dialógico propõe a quebra das esferas fechadas do conhecimento, estabelecendo articulações entre as partes separadas com o intuito de interligar as partes, mesmos sendo antagônicas, porém fazendo parte de um mesmo processo ou sistema.

Complementando a ideia do pensamento complexo sobre o universo da educação musical (sistema) e o ensino de música em bandas escolares (as partes) o pensamento hologramático propõem compreender as partes para compreender o todo. Morin (2003, p. 181) explica que “não só a parte está no todo, mas também que o todo está na parte”. O pensamento hologramático sugere uma explicação dos fenômenos não lineares, não dicotômicos, lembra um movimento circular em espiral, no qual ora se vai das partes ao todo, ora do todo às partes. Assim, a educação musical escolar necessita considerar essas ideias no contexto do ensino de instrumento musical, de modo que a educação musical, no contexto das bandas de música, siga para uma formação integral do ser humano.

Considerações Finais

O presente estudo possibilitou compreender a relevância do universo da educação musical para as práticas do ensino de instrumentos musicais em escolas públicas. A análise sob a perspectiva da complexidade destaca a interconexão entre diversos elementos da música, a sociedade, cultura e a educação.

A Teoria da Complexidade, por meio de seus princípios sistêmico, dialógico e hologramático, oferece uma abordagem singular para se compreender as interações complexas entre escola, educador e estudante. Destaca-se a importância de uma educação que vá além do mero conhecimento, favorecendo uma compreensão mais ampla da realidade e promovendo um pensamento aberto e livre para o ensino e aprendizagem dentro das bandas escolares.

Por fim, compreendemos que para a teoria da complexidade ao ser relacionada ao ensino educativo em práticas musicais por meio das bandas escolares deve ser mediado por experiências que ultrapassem as questões musicais, considerando a pedagogia, os métodos de

ensino e os espaços estruturais para ensaios – além de elementos ligados à formação inicial e continuada dos professores de música.

Tendo como principal elemento a formação dos estudantes participantes, esta pesquisa buscou refletir sobre o ensino de música na comunidade escolar e sobre as bandas inseridas na sociedade contemporânea. Nesse contexto reflexivo, destaca-se uma educação musical que deve buscar o equilíbrio formativo e se desenvolver como meio de conexão entre os conhecimentos pertinentes no ambiente da banda de música em relação com a comunidade escolar, contribuindo para uma formação multidimensional e integral dos educandos.

Referências

BRASIL. Lei 13278, de 2 de maio de 2016. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm. Acesso em: 27 fev. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

BARBOSA, Joel Luís da Silva. Considerando a Viabilidade de Inserir Música Instrumental no Ensino de Primeiro Grau. **Revista da ABEM**, Salvador, v. 3, n. 3, p. 39-50, 1996.

_____. **Da Capô: Método Elementar Para o Ensino Coletivo e/ou Individual de Instrumentos de Banda: Clarinete**. Belém: Fundação Carlos Gomes, 1998.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De tramas e Fios: um ensaio sobre música e educação**. 2ªed. São Paulo: Ed. Unesp; Rio de Janeiro: Funarte, 2008.

MORIN, Edgar. A Cabeça bem-feita: repensando a reforma, reformar o pensamento.

Tradução Eloá Jacobina. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2000.

MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. 5 ed. Tradução de Elaine Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2007.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do; PENA-VEJA, Alfredo (orgs): O pensar complexo, Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

PENNA, Maura. **Música (s) e seu ensino**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PEREIRA, Eliton Perpétuo Rosa. Concepções pedagógicas da educação musical brasileira: relações com os campos da educação e da arte-educação. **Opus**, v. 26 n. 1, p. 1-21 jan./abr. 2020.

SANTOS, Akiko. **Didática sobre ótica do pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SWANWICK, Keith. **Ensinando Música Musicalmente**. São Paulo: Ed. Moderna, 2003.